
**A HISTÓRIA DO REI EGÍPCIO EM SUCESSIVAS VOZES: HERÓDOTO,
MONTAIGNE E WALTER BENJAMIN**

Aparecida de Fátima Bueno¹

RESUMO

Neste artigo analiso o episódio do rei egípcio, Psammenit, presente inicialmente em Heródoto e recontado por Montaigne, no capítulo II “Da Tristeza”, do Livro I dos Ensaios, e na sétima parte de “O narrador”, de Walter Benjamin. Após confrontar essas três versões e analisar as diferenças existentes entre elas, discuto o conceito de narrador, presente no ensaio benjaminiano e sua relação com a forma narrativa do historiador grego.

¹ Professora Doutora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa

1. INTRODUÇÃO

No clássico ensaio “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, Walter Benjamin anuncia que “a arte de narrar está em extinção”. Escrito em 1936, nos bastidores da Segunda Grande Guerra e ainda sob o impacto da Primeira, o filósofo alemão afirma, com certa desolação, “que são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”². Para ele, uma das causas desse fenômeno é o fato de que o valor da experiência estava em baixa e que não havia, em função disso, interesse em sua transmissão. Acresce-se a isso o fato de a experiência da guerra ser radicalmente desmoralizadora:

No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. (...) Não havia nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra das trincheiras (...). Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano.³

Segundo Benjamin, essa crise sócio-política que atravessou a humanidade foi a responsável por uma crise na arte de narrar. Ele considera também que “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais

contadas pelos inúmeros narradores anônimos”⁴.

A partir dessas reflexões iniciais, Benjamin analisa a obra de Nikolai Leskov. Interessa-nos, no entanto, discutir a sétima parte de seu ensaio, quando analisa um episódio narrativo, o do rei Psammenit, e o considera modelar da “verdadeira narrativa”⁵.

2. AS METAMORFOSES DO NARRAR

O episódio do rei Psammenit, presente em “O narrador”, tem sua fonte primeira em Heródoto e já havia sido recontado por Montaigne antes de o ser por Benjamin. O primeiro passo deste trabalho será justamente avaliar as diferenças entre essas três versões para que possamos, num segundo momento, analisar a marca que cada um desses “narradores” imprimiu no episódio narrado. Se aqui propositadamente chamamos tanto Heródoto, como Benjamin e Montaigne de narradores, no final de nossa argumentação justificaremos o uso desse termo para os três. É também um de nossos objetivos discutir o papel particular desse episódio na sétima parte de “O Narrador” e tecer algumas considerações sobre a sua relação com outras partes do ensaio benjaminiano.

Primeiramente começemos com a leitura do texto de Heródoto:

No décimo dia depois da capitulação da cidade de Mênfis Cambises mandou buscar Psammenit, rei do Egito, cujo reinado havia durado seis meses, e o levou a um dos subúrbios da cidade com a intenção de humilhá-lo; Cambises o pôs na companhia de outros egípcios e quis julgar a força de sua alma

² Benjamin, 1987, p. 197.

³ Benjamin, 1987, p. 198.

⁴ Benjamin, 1987, p. 198.

⁵ Benjamin, 1987, p. 204.

submetendo-o à seguinte prova: mandou vestir a filha de Psammenit à maneira das escravas e lhe deu ordens para ir buscar água com um balde na mão, juntamente com outras moças vestidas como ela, escolhidas nas famílias dos homens mais proeminentes da cidade. Quando as moças passaram diante de seus pais, gritando e lamentando-se, todos responderam com gritos e lamentos idênticos, em face da desventura de suas filhas; mas Psammenit, vendo e compreendendo, olhou para o chão. Após a passagem das portadoras de água Cambises mandou o filho de Psammenit passar diante dele juntamente com dois mil egípcios da mesma idade, todos com cordas atadas em torno de seus pescoços e com freios em suas bocas. (...) Vendo-os passar e compreendendo que seu filho estava sendo conduzido para a morte, e diante de todos os egípcios que, sentados com ele, choravam e demonstravam a sua desolação, Psammenit fez o mesmo que fizera ao ver a sua filha. Após a passagem daqueles homens, por acaso um dos companheiros de festas do rei - um homem já idoso e outrora rico, mas agora apenas um mendigo pedindo esmolas aos soldados - apareceu nas proximidades de Psammenit (...). Ao vê-lo, Psammenit começou a soluçar, batendo com as mãos na cabeça e chamando o companheiro pelo nome. Havia no local homens designados para observar Psammenit, e eles foram relatar a Cambises todas as suas reações à passagem de cada grupo. Admirado com sua atitude, Cambises mandou perguntar-lhe o seguinte através de um mensageiro: "Cambises, teu senhor, manda perguntar-te, Psammenit, por que razão nem choraste nem gritaste diante de tua filha humilhada e de teu filho a caminho da morte, mas concedeste essa honra a um mendigo que, como Cambises ficou sabendo através de outras pessoas, nada significa para ti." Psammenit respondeu o seguinte a essa

pergunta: "Minha mágoa familiar era grande demais para ser chorada (...) mas o infortúnio de meu companheiro provocava lágrimas - alguém que perdeu a riqueza e a felicidade e agora, no limiar da velhice, chegou ao extremo de precisar mendigar." Segundo dizem, essa resposta, quando transmitida a Cambises, pareceu-lhe muito sábia.⁶

A transcrição é longa, mas necessária para a discussão das várias nuances que a narrativa do episódio sofreu na pena de diversos narradores, como procurar-se-á mostrar. Tomando o texto de Heródoto como base, poderemos ver que Montaigne introduz nele duas modificações importantes, que ficarão evidentes após a leitura do filósofo francês:

Diz-nos a história que Psammenit, rei do Egito vencido por Cambises, rei da Pérsia, vendo passar a filha, como ele próprio cativa, e que ia buscar água vestida de serva, permaneceu mudo, olhos voltados para o chão, enquanto choravam todos os seus amigos. Vendo logo depois o filho, que conduziam para a morte, conservou a mesma atitude. No entanto, diante de um criado que levavam à tortura, juntamente com outros prisioneiros, pôs-se a golpear a cabeça demonstrando extrema aflição.⁷

Montaigne compara então a atitude do rei egípcio com um episódio recente ocorrido com um príncipe e diz que podemos pensar que "a medida estava cheia e uma coisa de nonada bastara para abater-lhe a energia e provocar um transbordamento de tristeza"⁸. E conclui em seguida que esta hipótese não é exata para compreendermos a atitude do rei, já que ao ser interpelado sobre a sua reação, por

⁶ Heródotos, 1988, p. 153.

⁷ Montaigne, 1980, p. 11.

⁸ Montaigne, 1980, p. 11.

que “tão pouco se mostrara perturbado com a infelicidade da filha e do filho e tanto se afetara ante a de um amigo, recebeu esta resposta: ‘É que só esta última tristeza é suscetível de se exprimir por lágrimas; a dor sofrida nos dois primeiros casos está além de qualquer expressão’”⁹.

Como podemos ver, Montaigne transforma o homem que, em Heródoto, era “um dos companheiros de festas do rei – um homem já idoso e outrora rico, mas agora apenas um mendigo”, em um criado, na tradução brasileira, e suprime uma parte da resposta do rei a Cambises que, em Heródoto, era: “Minha mágoa familiar era grande demais para ser chorada (...) mas o infortúnio de meu companheiro provocava lágrimas – alguém que perdeu a riqueza e a felicidade e agora, no limiar da velhice, chegou ao extremo de precisar mendigar”, em “É que só esta última tristeza é suscetível de se exprimir por lágrimas; a dor sofrida nos dois primeiros casos está além de qualquer expressão”.

Se formos recorrer ao texto original de Montaigne, o termo usado para designar o companheiro do rei é “un de ses domestiques”¹⁰. Tendo em vista que domestique, no século XVI, quando a obra foi escrita, poderia significar tanto nome dado às pessoas da casa do rei, de um príncipe ou mesmo de um nobre, como também pessoa empregada para o serviço de manutenção da casa¹¹, podemos observar que este termo possui uma certa ambigüidade, que porém parece ser desfeita pelo filósofo francês.

Ele, quando fala da pergunta de Cambises ao rei egípcio, a descreve da seguinte forma: “pourquoy, ne s'estant esmeu au malheur de son fils et de sa fille, il portoit si impatiemment celuy d'un de ses amis”¹².

O texto em francês é bastante revelador já que usa a expressão un de ses amis fazendo com que o primeiro sentido que citamos de domestique seja o mais provável, ou seja, possivelmente trata-se ainda em Montaigne de um nobre e não de um serviçal, sentido que, porém, será alterado radicalmente pelo filósofo alemão.

As modificações perpetradas por Montaigne são fundamentais para entendermos as efetuadas por Benjamin. Ao citar esse episódio, na sétima parte de “O narrador”, ele assim o faz:

*(...) O primeiro narrador grego foi Heródoto. No capítulo XIV do terceiro livro de suas Histórias encontramos um relato muito instrutivo. (...) Quando o rei egípcio Psammenit foi derrotado e reduzido ao cativeiro pelo rei persa Cambises, este resolveu humilhar seu cativo. (...) Organizou (...) [um] cortejo de modo que o prisioneiro pudesse ver sua filha degradada à condição de criada, indo ao poço com um jarro, para buscar água. Enquanto todos os egípcios se lamentavam com esse espetáculo, Psammenit ficou imóvel, com os olhos no chão; e, quando logo em seguida viu seu filho, caminhando no cortejo para ser executado, continuou imóvel. Mas, quando viu um dos seus servidores, um velho miserável, na fila dos cativos, golpeou a cabeça com os punhos e mostrou os sinais do mais profundo desespero.*¹³

⁹ Montaigne, 1980, p. 11.

¹⁰ Montaigne, 1925, p. 6.

¹¹ “Nom donné aux personnes de la maison du Roi, d'un prince, même s'ils étaient gentilshommes (...) Personne employée pour le service, l'entretien de la maison ou le service matériel intérieur d'un établissement”. Robert, 1986, p. 566.

¹² Montaigne, 1925, p. 7, os negritos são nossos.

¹³ Benjamin, 1987, p. 203-204.

Benjamin transforma o un de ses domestiques, termo, como vimos, passível de ambigüidade em Montaigne, em “servidor”¹⁴ e suprime totalmente a resposta do rei, colocando em seu lugar o comentário que Montaigne faz a respeito da atitude assumida pelo rei egípcio: “Assim, Montaigne alude à história do rei egípcio (sic) e pergunta: por que ele só se lamenta quando reconhece o seu servidor? Sua resposta é que ele ‘já estava tão cheio de tristeza, que uma gota a mais bastaria para derrubar as comportas’”¹⁵, levando-nos a supor que ou Benjamin leu este episódio em Montaigne, e não em Heródoto, ou que, conhecendo ambas as versões, preferiu a do escritor francês à original.

Se chegamos a esta conclusão, é pelo fato de que as duas narrativas estão bastante coladas, pois Benjamin não cita nenhum passo narrativo que, estando presente em Heródoto, não o está em Montaigne; portanto tudo nos leva a crer que, como diz Ecléa Bosi, “a narrativa é recontada por Benjamin a partir de Montaigne, que por sua vez a tinha recontado de Heródoto”¹⁶.

Se basicamente são estas as modificações efetuadas por Montaigne e Benjamin no texto original de Heródoto sobre esse episódio da vida do rei egípcio, cremos só ser possível buscar o significado das mesmas se discutirmos o papel deste trecho no interior das obras em que se encontra, ou seja, no capítulo “Da tristeza”, do primeiro tomo dos

Ensaio, e na sétima parte de “O narrador”. Mais que isto. É necessário avaliarmos, mesmo que de forma embrionária, o sentido deste episódio em Heródoto, pois só assim poderemos analisar como esse sentido primeiro é modificado pelos seus dois comentadores. Obviamente, foge aos objetivos deste trabalho uma análise detalhada da obra do historiador grego. Em relação ao episódio citado preocupar-nos-emos basicamente com os sentidos importantes para a posterior análise do capítulo de Montaigne e da citada parte de “O narrador”, por terem sido nestes mantidos ou modificados.

3. AS VOZES E SEUS CONTOS

Como escreve Jeanne Marie Gagnebin, “a força do relato de Heródoto é de que ele sabe contar sem dar explicações definitivas, que ele deixa que a história admita diversas interpretações diferentes, que, portanto, ela permanece aberta, disponível para uma continuação de vida que dada leitura futura renova”, ou seja, que nele temos “a saber a ausência de um esquema global de interpretação e de explicação”¹⁷.

No capítulo XIV do livro III, notamos que Heródoto deixa para Psammenit a função de explicar o seu ato, através da resposta que este dá a Cambises. *Como não podemos saber o quanto de cálculo pode haver ou não nessa resposta, ela não chega a esgotar os possíveis sentidos desse episódio (o que certamente não ocorreria se fosse Heródoto, com a sua autoridade de historiador, que procurasse explicitar o motivo das lágrimas do rei), ficando, como diz Gagnebin, essa narrativa, portanto, aberta a outras interpretações. Assim, a partir dela, podemos supor ser uma marca da narrativa de Heródoto esta “abertura interpretativa”, que é dada a*

¹⁴ As duas traduções de “O narrador” que consultamos utilizam termos correlatos: “servidor”, na de Roaunet (1987) e “criado”, na de ROSENAL (1975); o que nos leva a supor que o termo utilizado por Benjamin deveria ser equivalente às expressões portuguesas utilizados pelos dois renomados tradutores.

¹⁵ Benjamin, 1987, p. 204.

¹⁶ Bosi, 1979, p. 44. Sem realizar o trabalho comparativo que estamos efetuando aqui, Ecléa Bosi, recontando a versão que Benjamin dá a respeito do episódio do rei egípcio, faz, em nota, a afirmação que citamos acima.

¹⁷ Gagnebin, 1987, p. 13-14.

seus leitores, abertura esta que, pela leitura de outros episódios, podemos deduzir ser, senão sempre presente, bastante recorrente na obra deste historiador.

O que corrobora esta nossa hipótese é o fato de essa mesma particularidade poder ser encontrada, por exemplo, no capítulo 118, do mesmo Livro, que por sinal é bastante semelhante ao que acabamos de discutir, tendo em vista que também lá é a resposta dada por um “dominado” a um “dominador”, neste caso, respectivamente, a mulher de Intafernes e Dario, a única explicação que temos sobre o ocorrido; ou também no capítulo 32, deste mesmo livro, em que duas versões são dadas, uma dos gregos e outra dos egípcios, para a morte da mulher de Cambises, sem que Heródoto opte por uma das duas em detrimento da outra. Por outro lado, contrariando o comportamento adotado acima, nos capítulos 33, 58, 75, todos do Livro I, podemos encontrar momentos em que este historiador chega a dar a sua opinião pessoal, seja sobre o episódio que está narrando, seja sobre uma dada versão sobre ele existente.

Voltando a Montaigne, podemos observar que esta “abertura interpretativa” desaparece totalmente. A resposta do rei é assumida enquanto explicação de suas lágrimas, sem existir espaço para a suposição de que esta resposta poderia não estar expressando exatamente o que ele sentia. Além disso, esse episódio é comparado a um outro que, apenas na superfície, lhe é próximo: ao do príncipe que, não tendo chorado nem pela morte do irmão mais velho, nem pela do segundo irmão, se desfez em lágrimas e lamentações quando “dias mais tarde [veio] a morrer um de seus amigos”¹⁸.

Nesse segundo episódio, não está em jogo a situação dominado/dominador, como no primeiro, e ao serem os dois iguados vemos que Montaigne não está interessado no episódio em si, mas simplesmente em uma de suas facetas: a existência de sentimentos que, por serem extremamente fortes, ultrapassam qualquer capacidade de expressão. É na primeira parte da resposta de Psammenit, a única citada por Montaigne, que este encontra expresso o problema desse tipo de sentimento: “É que só esta última tristeza é suscetível de se exprimir por lágrimas; a dor sofrida nos dois primeiros casos está além de qualquer expressão”.

Mais do que sobre a tristeza, esse capítulo parece ter por objetivo criticar não só esse sentimento mas todos aqueles que se tornam demasiadamente intensos¹⁹. Não é de se estranhar que, em vista disto, Montaigne termine o capítulo quase que dando uma fórmula para escaparmos desses sentimentos arrasadores, usando para tanto de sua experiência própria: “Quanto a mim, sou pouco predisposto a essas paixões violentas; tenho uma sensibilidade naturalmente grosseira e a torno mais espessa ainda e empedernida mediante raciocínios diários”²⁰.

Em vista do que acima expusemos, parece-nos que o que caracteriza o conjunto desse capítulo é um discurso que visa levar as pessoas a se afastarem dos sentimentos incontroláveis, considerando-os como maléficos ao seu bem-estar. Talvez por este motivo, a segunda parte da resposta de Psammenit não é citada, já que é desnecessária para o que Montaigne

¹⁸ Montaigne, 1980, p. 11.

¹⁹ Podemos notar que Montaigne não só narra situações em que uma tristeza intensa, e por isto mesmo inexprimível, gera a morte, como também outras em que, por exemplo, a alegria e a vergonha intensas também o fazem.

²⁰ Montaigne, 1980, p. 12.

pretende exprimir. Nem tampouco é necessária a explicitação da condição social do domestique desse rei.

Benjamin, porém, promove uma total inversão no significado único dado a este trecho por Montaigne, utilizando-se justamente de um dos sentidos possíveis de domestique e da não citação da condição social do mesmo: o que era companheiro em Heródoto e o ambíguo domestique em Montaigne, transforma-se em servidor, aumentando em muito a ambigüidade e a polissemia do episódio.

Retomando a análise de Benjamin sobre o historiador grego, a respeito deste diz que “Heródoto não explica nada. Seu relato é dos mais secos. por isso essa história do antigo Egito ainda é capaz, depois de milênios, de suscitar espanto e reflexão”²¹. E, certamente, esse espanto torna-se ainda maior a partir da narrativa benjaminiana, pois, ao transformar o que fora amigo do rei em um simples servidor, as lágrimas de Psammenit tornam-se ainda mais inexplicáveis, mais ainda ao cassar a palavra do rei egípcio, já que nem mesmo a versão que este deu sobre o acontecimento nos é fornecida.

Desta forma, nas mãos de Benjamin, Heródoto torna-se ainda mais seco, e decisivamente não só não explica nada, como também não permite que seus personagens o façam. Ou seja, diante da versão benjaminiana, encontramos-nos frente a uma situação bastante curiosa: se a forma de sua narrativa está mais próxima da de Montaigne do que da de Heródoto, o sentido da mesma é quase que uma exacerbação do presente na versão do historiador grego. Se concluímos que Heródoto se caracteriza por uma abertura interpretativa dada ao leitor, enquanto que Montaigne dá um único significado para o episódio do rei egípcio, podemos notar que Benjamin acentua ainda mais

essa abertura, através das mudanças que acima expusemos, sendo que essas parecem vir muito mais da forma como Montaigne narrou esse episódio.

Não é de se estranhar essa retomada por Benjamin da postura de Heródoto, tendo em vista que para o pensador alemão uma das características da narrativa é evitar explicações, enquanto que a informação se caracteriza por apresentar os fatos acompanhados de explicações²². Assim ele situa na dicotomia explicação/não-explicação a diferença básica entre a informação e a narrativa, entre as quais, forma de expressão gerada pela decadência da primeira e ameaçada pela preponderância da segunda, está o romance.

A narrativa, por não explicar os motivos das ações dos personagens, abre-se para uma infinidade de interpretações, possibilitando constantes releituras; já a informação, por vir previamente explicada, não possibilita essas releituras, tratando-se de um todo fechado e que se esgota no momento de sua enunciação, tendo a ver só com o presente. A informação, por sua vez, como diz Benjamin, “só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele”, enquanto que a narrativa “conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”²³.

Assim, parece-nos que Benjamin usa este episódio como modelar em seu ensaio, retomando uma tradição que, em seu sentido e sua origem, vem do “primeiro narrador grego”, e que, em sua forma, passa por Montaigne. Deste modo, podemos dizer que, se pensarmos que uma outra diferença entre a narrativa e a informação encontra-se justamente

²¹ Benjamin, 1987, p. 204.

²² Benjamin, 1987, p. 203.

²³ Benjamin, 1987, p. 204.

no fato de que a primeira se instaura no interior de uma tradição, enquanto a segunda nem nela se situa, nem a cria, ao fazer seu ensaio, Benjamin o manufatura de tal forma que o mesmo simula em seu interior categorias e características da narrativa. Isto fica ainda mais patente se pensarmos que o intermediário entre ele e Heródoto, ou seja, Montaigne, pelo menos no capítulo “Da tristeza”, também possui características que fazem deste capítulo uma narração, se usarmos o critério benjaminiano para julgá-lo.

Se lembrarmos que, como diz Benjamin, a narrativa “tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária [e que] essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida”²⁴, pelo que anteriormente vimos desse capítulo de Montaigne, em especial pela forma como ele o termina, concluindo após contar uma série de pequenas narrativas que é necessário se afastar das paixões violentas, conclusão esta que surge como efeito de uma experiência pessoal, é lícito enquadrar esse capítulo na categoria de narrativa e considerar o seu autor como um narrador.

Desta forma, ao citar o episódio de Psammenit, Benjamin não só está refletindo sobre o ato de narrar mas também se insere como mais um de uma tradição de narradores que contaram a história do rei egípcio, tradição esta provavelmente composta de muitos outros, além dos três que aqui abordamos.

Dessa forma, se Benjamin inicia o seu ensaio decretando que a arte de narrar está em extinção, ele próprio, como procuramos mostrar, procura contribuir para o adiamento desse processo.

²⁴ Benjamin, 1987, p. 200.

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN**, Walter. O narrador. In: _____. *Obras escolhidas*. 3.ed. São Paulo : Brasiliense, 1987. v.1., p.197-221. (Tradução de Sérgio Paulo Rouanet).
- BENJAMIN**, Walter. O narrador. In: *Os pensadores*. São Paulo : Abril, 1975. v. 48, p.63-81. (Tradução de E. Theodor Rosenthal).
- BOSI**, Ecléa. *História de velhos. Memória e sociedade:lembranças de velhos*. São Paulo : T.A. Queiroz, 1979. 402 p.
- GAGNEBIN**, Jeanne-Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. 3.ed. São Paulo : Brasiliense, 1987. v.1, p.7-19.
- HERÔDOTOS**. Livro III. In: *História*. 2.ed. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1988. 613 p.
- MONTAIGNE**, Michel E. de. Da tristeza. Livro primeiro. Ensaios. 2.ed. São Paulo : Abril Cultura., 1980. 500 p. (Tradução de Sérgio Milliet)
- _____. *Essais de Montaigne*. Paris : Garnier, 1925. ROBERT, Paul. *Le Petit Robert 1*. Paris : Dictionnaires Le Robert, 1986. 2171 p.